

**Manfred Beller y Joep Leerssen, *Imagology: The Cultural Construction and Literary Representation of National Characters, Studia Imagologica* Vol. 13, Amsterdam & New York: Rodopi, 2007.**

Julie M. Dahl  
University of Wisconsin, Madison, USA

A pergunta famosa do filósofo francês Ernest Renan, *Qu'est-ce qu'une nation?* volta com um novo significado no mundo pós-nacional do século XXI, caracterizado pelos frequentes encontros com o Outro devido à globalização, ao turismo e à imigração. O interesse crescente no campo de estudos conhecido como a Imagologia, ou o estudo sobre a formação de imagens do Outro (sobretudo o Outro nacional) nas suas manifestações textuais, representa o esforço de muitas universidades em oferecer novas aproximações ao entendimento de outras nações. O penúltimo e mais ambicioso livro da série *Studia Imagologica* da Universidade de Amesterdão (publicada por Rodopi), *Imagology: The Cultural Construction and Literary Representation of National Characters*, contando com mais de 120 artigos de 73 participantes diferentes e correndo 476 páginas, embora não dedicado especificamente ao estudo sócio-cultural da Península Ibérica, não pode senão ser tema de interesse para os leitores de uma revista como esta, que se dedica a estudar questões sobre a língua e literatura do Outro nacional vizinho.

O livro foi imaginado como uma ampla introdução à metodologia da Imagologia, bem como uma espécie de guia de referência para acadêmicos já familiarizados com o campo e, como tal, divide-se em três partes: a *primeira* consiste em cinco artigos que pretendem dar uma visão panorâmica da evolução do campo da Imagologia e da sua metodologia; a *segunda* apresenta, por ordem alfabética, um resumo dos estereótipos (auto e hetero-imagens) mais típicos de quase todas as nações europeias e de outros países fora da Europa; a *terceira* funciona como um pequeno dicionário dos conceitos e termos mais importantes neste campo. O livro termina

com uma ampla lista bibliográfica. Esta colecção ecléctica foi editada por Manfred Beller da Universidade de Bergamo, Itália, e Joep Leerssen, da Universidade de Amsterdão, ambos contando com um currículo extenso de artigos e livros sobre a Imagologia.

Apesar da ambição da colecção, os editores reconhecem os limites do livro e dos estudos imagológicos numa breve introdução que identifica os parâmetros da investigação, explicando que a imagologia não pretende analisar uma sociedade, mas analisar os discursos sobre uma sociedade (sejam de origem da própria sociedade ou de outra), chamar a atenção para a construção destes discursos, traçar as suas origens, e questionar as suas implicações. A imagologia não pretende “corrigir”, nem eliminar estes estereótipos. A introdução também chama a atenção para os defeitos do livro, principalmente para o enfoque europeu, tanto em termos de temas como de pontos de vista, já que até as poucas discussões sobre outras regiões do mundo são sempre vistas através da perspectiva europeia.

A primeira parte abre com o ensaio de Beller, que expõe a história da evolução do termo “imagem” e a polémica e confusão que a palavra tem causado. Para Beller estas imagens mentais sobre o Outro estão pré-programadas e determinam a nossa experiência com o Outro em vez de ser o resultado de um encontro directo com este. O segundo ensaio, de Joep Leerssen, expõe a metodologia da imagologia e vincula o começo deste campo com os primeiros estudos sobre a importância do texto literário na formação dos nacionalismos do século XIX, ainda que a imagologia, tal como a entendemos hoje, só possa ter tomado forma quando os académicos abandonaram a ideia da nação como uma entidade “real” e objectiva.

Os últimos três ensaios traçam o que Leerssen chama de “pré-história” da Imagologia: Wilfried Nippel escreve um ensaio sobre as imagens étnicas na Idade Clássica, Peter Hoppenbrouwers, sobre as categorizações sociais na Idade Média e Joep Leerssen, de novo, sobre a transformação do estereótipo nacional da Ilustração até hoje. Esta primeira parte proporciona uma introdução indispensável aos estudos imagológicos, resumindo as questões e fases mais importantes do campo. Embora desaponte por não alcançar a cronologia completa nem da imagem, nem dos estudos imagológicos que pretendia, oferece, sem dúvida, uma leitura indispensável para entender as tendências passadas e actuais do campo.

Na segunda parte vê-se claramente a preferência que todo o livro dá às hétero-imagens em detrimento das auto-imagens, sendo um catálogo alfabético dos estereótipos sobre nações, regiões e etnias, começando com África e terminando com a Turquia. As imagens não europeias só são registadas como aparecem no olhar europeu e normalmente como categorias abrangentes, por exemplo África, América Latina ou América do Norte. Aparecem grupos agora inexistentes, como os celtas ou os crioulos e grupos para-nacionais, como os ciganos. Este catálogo serve de ponto de partida para uma investigação sobre um estereótipo pouco conhecido pelo investigador, mas falta o rigor para investigações mais em pormenor. Quase todos os exemplos privilegiam textos do século XIX, e não sem razão, já que foi neste momento histórico que o conceito de nação se formalizou. Contudo, o resultado é uma visão pouco profunda da evolução e das mudanças destes estereótipos. Os leitores desta revista concluirão, sem dúvida, que a entrada de Simon Kuin sobre as auto e hetero-imagens dos portugueses é simplista (se não problemática), mas serve de introdução para investigadores não especializados em estudos portugueses.

A terceira parte consta de um dicionário de termos importantes à Imagologia, abrangendo os termos clássicos do estudo literário (ironia, lugar comum, mito, etc.), os que representam as novas tendências dos estudos culturais e visuais (corpo, memória, monumento e banda desenhada), os termos específicos a imagologia (carácter, estereótipo, imagem, cliché, identidade) e até alguns inesperados (textos escolares, fisionomia, gerência intercultural e honra/vergonha). Embora não ofereça uma distinção definitiva ente termos frequentemente confundidas como “cliché” e “estereótipo”, ajuda a traçar os usos diferentes das palavras no passado e entre académicos actuais.

Este livro, muito antecipado pelos que trabalham neste ramo, contribui muito para o campo, proporcionando muitas ferramentas novas, embora a sua ambição excessiva resulte em vários momentos de falta de profundidade. Contudo, o livro é uma fonte indispensável para qualquer investigador(a) que lida com questões sobre o Outro nacional.